

Um convite para sonhar através da poesia indígena.

Nathalie Ferreira¹

RESUMO: O presente artigo pretende criar uma reflexão da importância da poesia indígena brasileira como expressão de um sintoma da anima mundi, na busca da restauração da psique coletiva a partir do reconhecimento e integração da sombra colonial que denuncia a unilateralidade do pensamento eurocêntrico na formação psíquica da alma brasileira. Para levantar esta análise, o artigo parte da escolha da poesia 'ainda cabe sonhar' da artista visual e poetisa indígena Débora Arruda, apoiando-se no pensamento e preceitos da psicologia analítica e nas análises do crítico literário Octavio Paz.

ABSTRACT: This article intends to create a reflection about the importance of Brazilian indigenous poetry as an expression of an anima mundi symptom, in the search for the restoration of the collective psyche from the recognition and integration of the colonial shadow that denounces the unilaterality of Eurocentric thought in psychic formation of the Brazilian soul. In order to raise this analysis, the article starts from the choice of the poetry 'ainda cabe sonhar' by the indigenous visual artist and poet Débora Arruda, relying on the thought and precepts of analytical psychology and on the analyzes of the literary critic Octavio Paz.

Para iniciar a discussão proposta, neste artigo, se faz necessário apresentar a seguinte questão: podemos separar a neurose individual da coletiva? James Hillman (2010) diz em seu livro, 'o pensamento do coração e a alma do mundo' que em sua prática clínica já não podia mais dissociar estas instâncias. Além disso, aponta que pensar em uma crise que seja apenas inter e intrasubjetiva reprime a realidade do que está sendo vivenciado, pois a crise não se apresenta apenas na interioridade do sujeito, mas também está evidenciada nas questões da coletividade, na poluição, na alimentação, no consumo, na política etc.

Assim sendo, em uma perspectiva almada do mundo, não só os sujeitos confessam seus sintomas no íntimo da clínica, mas faz sentido pensar em uma

¹ Professora de Letras; Esp. em Psicologia Analítica e analista em formação pelo CEJAA - Centro de Estudos Junguianos Analistas Associados.

“confissão da *anima mundi*” (HILLMAN, 2010, p. 49), em que os sintomas do mundo estão também enunciados no discurso das coisas.

Para escutar a confissão da *anima mundi*, Hillman (2010) faz uma convocação da importância de romper com a anestesia de nossas reações, no sentido mais radical da palavra, do grego *aisthēsis*, cujo significado é muito mais amplo que o entendimento da estética, enquanto uma concepção moral ou artística da beleza. Assim, as coisas do mundo podem ser conhecidas a partir de uma percepção sensível das sensações que elas despertam em nossa psique².

Para Hillman (2010), a imagem patologizada do mundo faz com que também se reconheça sua alma, e aquilo que é alçado torna-se digno de ser amado, pois “onde existe patologia, existe psique; e onde existe psique, existe eros.” (HILLMAN, 2010, p. 108). Ao se deparar com o extermínio indígena ainda presente, é possível concluir que desde a chegada dos europeus tem-se ignorado a alma indígena e sua dignidade de ser amada, respeitada, preservada e cuidada.

Recentemente, fomos tomados de espanto ao nos depararmos com várias fotos do estado de subnutrição e desamparo que se encontravam os povos da Terra Indígena Yanomami, entre os estados do Amazonas e Roraima. As fotos recebidas e divulgadas pelo grupo de Jornalismo Sumaúma talvez revelem não apenas a tragédia de um povo, mas uma crise humanitária originada no *pathos* de nossas sombras coloniais e que agem através da ação criminosas de garimpeiros, da ausência de políticas indígenas e na negligência de suas causas.

A seguinte descrição destas fotos foi feita pelas jornalistas Ana Maria Machado, Talita Bedinelli e Eliane Brum na coluna virtual do website do Sumaúma jornalismo: “corpos de crianças e velhos, com peles que recobrem apenas os ossos, tão fragilizados que mal parecem se equilibrar. Costelas que parecem perfurar os corpos minúsculos contrastam com barrigas enormes, povoadas por vermes.”³. O que essa imagem patologizada tem a nos comunicar?

² “A psicoterapia precisa aceitar os sofrimentos do coração, suas enfermidades no mundo das coisas, aceitar que elas são feias, vazias, erradas, destituídas de um cosmo que faz sentido e, por meio desta afirmação de que, sim, temos o coração partido porque vivemos num mundo de coisas partidas, a psicoterapia dispersará o estupor an-estesiado de nossas reações, dissipará a repressão na feiura das próprias coisas.” (HILLMAN, p. 96)

³ Disponível em: <<https://sumauma.com/nao-estamos-conseguindo-contar-os-corpos/>> . Acesso em: 4 mar, 2023.

Frente a essa notícia estupefaciente, apresenta-se os versos finais do poema 'ainda cabe sonhar', da poetisa indígena Débora Arruda⁴, que servirá de ponto de partida para as reflexões deste artigo, em uma tentativa de corroborar para que do que se anuncia como fim e extinção de um povo e todo seu legado, possa se enxergar um pedido de ajuda e convite de recomeço a nível coletivo:

nenhuma outra profecia apocalíptica permanecerá
pois a morte desse mundo
nos levará à vida e à pulsão do nosso

e por fim, ocuparemos as primeiras páginas
não para sermos novamente
protagonistas de manchetes ensanguentadas
mas sim, para escrevermos o início
e não para contarem sobre o nosso fim

quando tudo isso acontecer,
nós
finalmente
podemos respirar (ARRUDA, 2021, p. 32)

1 . Literatura indígena e *anima mundi*

Ao trazer uma poesia indígena como mote para discussão deste artigo, é preciso primeiramente pensar no reconhecimento desta. Sendo a tradição indígena inscrita na oralidade e no canto, cuja finalidade está na experiência e na comunhão, a escrita e a leitura se fazem necessárias apenas em um contexto secundário, que é à priori o de poder combater a desinformação criada pelo olhar estrangeiro, conforme descreve a pesquisadora e doutora Tarsilla de Brito (2019):

A dualidade mostra-se assim: o outro-mistério-vocábulo, eu-razão-sintaxe; o outro, sem sintaxe, gagueja e ignora sua própria poesia, que apenas 'meu' olhar poético revela. Trata-se da velha estratégia do narrador culto que emoldura a fala do personagem iletrado da cultura popular. (DAMIÃO, BRANDÃO; BRITO, 2019, p. 57-58)

A literatura indígena desenvolve-se, portanto, como um fenômeno político-cultural de ativismo por parte desta minoria invisibilizada desde a chegada dos estrangeiros às terras brasileiras, e por isto não se configura como um fim em

⁴ Débora Arruda é artista, escritora e mestre em Antropologia Social; e na obra 'Voltar para ir' - da qual foi retirado o poema 'ainda cabe sonhar' usado para os fins deste artigo - escreve poesias em uma tentativa de resgate e retomada de sua ancestralidade indígena, de etnia Aranaã.

si-mesma, “senão um meio para uma práxis político-pedagógica de resistência, de luta e de formação em que as diferenças assumem protagonismo central e escrevem outras histórias do Brasil” (DORRICO et al, 2018, p. 12).

A questão da utilidade da poesia indígena, enquanto uma práxis político-pedagógica (DORRICO et al, 2018), coloca em xeque os limiares de definição dos críticos literários da modernidade ocidental que preconizam ser a literatura um fim em si mesma (DAMIÃO, BRANDÃO; BRITO, 2019).

Damião, Brandão e Brito (2019) também acrescenta que os indígenas ao reinventarem as próprias tradições e se apropriarem da escrita para afirmar suas representações já começam por desconstruir, apenas com este movimento, a visão romantizada de uma essência primitiva e provam suas competências inventivas.

Assim, a literatura indígena é um convite para que se conheça realmente quem são esses povos, na sua pluralidade e realidade, a partir de uma escuta verdadeiramente ativa, e se desfaça dos mitos criados a partir das narrativas do colonizador que ou sequer reconheceu a alma indígena ou os transformou em uma pasta homogênea de uma única identidade fundada em preconceitos que reverberam até os tempos atuais.

Tal tarefa não se trata apenas de uma reparação identitária de um povo, mas de uma nação, como brilhantemente colocado por Dorrico *et al* e Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (2018) no artigo ‘falas à espera de escuta’:

Para restabelecer a ordem psíquica e simbólica deste lugar que veio a se chamar Brasil, precisa ser restaurada a origem fraturada, ou seja, nomear e narrar a genealogia que foi subtraída. E não faz muito tempo que esta restauração vem sendo produzida a partir dos sujeitos que foram arrancados de seus territórios e de si mesmos e que surgem então como protagonistas de criações e textualidades em que procuram dizer seu lugar no mundo. Resta serem escutados com a profundidade e o respeito devidos. (DORRICO *et al*; TETTAMANZY, 2018, p. 17).

Oliveira e Gambini (2020), no artigo ‘a identidade brasileira e seu drama oculto’, nos fala de uma dimensão negada na formação psíquica brasileira, em que fomos tomados por uma racionalidade utilitária. Se ser tomado unilateralmente provoca sintomas da parte negada da alma, ouvir este sintoma significa reintegrar o que foi rejeitado. Logo, o que acontece hoje na tribo Yanomami, se encarado como sintoma da *anima mundi*, pede que se reintegre algo que o autor chama de uma contrapartida intuitiva e sensível.

A literatura indígena se faz, portanto, um dos caminhos para que reconheçamos a alma ancestral brasileira que continua a ser negada, cujos efeitos nocivos não recaem apenas sobre os povos indígenas, vítimas do etnocídio e genocídio, mas sobre a formação psíquica de todo um coletivo e sua forma de ser e estar no mundo.

A ausência de alquimia entre a visão eurocentrada predominante em nosso pensamento e a cosmovisão indígena nos relega a esta racionalidade utilitária, que não nos permite aprender com a sensibilidade de nossos ancestrais “como criar beleza, festa e canto, reza e mito” (OLIVEIRA; GAMBINI, 2020, p. 24), como conviver em harmonia com a natureza e como salvar nosso futuro.

Como levantado na introdução deste artigo, há algo a ser transformado na psique coletiva a partir daquilo que está enunciado no contínuo extermínio indígena no Brasil e denunciado na literatura destes povos. Mas seria a consciência política unicamente suficiente para esta tarefa? Se considerar-se, como Hillman (2020), que a crise moderna também tem a ver com a retirada da alma do mundo, logo, é preciso que recuperemos uma cosmovisão que a devolva:

Os movimentos ecológicos, futuristas, feministas, de protestos e desarmamento, bem como a individuação pessoal, não podem, sozinhos, salvar o mundo da catástrofe inerente à nossa própria ideia de mundo. Precisam de uma visão cosmológica que salve o fenômeno "mundo", um passo na alma que vá além dos limites de conveniência da fonte arquetípica do perigo contínuo do nosso mundo: a negligência fatal, a repressão da *anima mundi*. (HILLMAN, 2020, p. 108)

Se as diversas cosmologias indígenas compartilham de uma visão almada de mundo, que inclui todos os seres - humanos e não-humanos -, que não separa o individual do coletivo de forma categórica, ou mesmo as instâncias da matéria, do espírito e da alma (OLIVEIRA; DUQUE, 2020), tem-se a aprender e apreender com a literatura indígena não apenas para fins de reparos históricos e sociais; não apenas uma forma mais sensível de experienciar a vida; não apenas uma forma de preservar a natureza e o futuro; mas ainda mais profundamente, uma forma de se aproximar de uma mudança substancial na nossa própria forma de perceber o mundo, a *anima mundi*.

2. Poesia indígena: um convite para sonhar

Octavio Paz (1996), em seu artigo 'os signos em rotação', apresenta o poema moderno como uma busca do sentido de um tempo que, esvaído de uma imagem de mundo e despovoado de mitologias, torna-se também desabitado de futuro, uma vez que a técnica e o pensamento racionalista que predominam no pensamento moderno ocidental não são capazes de questionar, que dirá responder, à questão da existência humana, individual ou coletiva.

O autor aponta que apesar de mudanças e novidades serem constantemente criadas, não se sabe seus motivos ou finalidades, e por isto a ação da técnica destrói o futuro, pois o torna desprovido de sentido. Esta realidade inscreve a solidão do poeta moderno em um local diferente: "não está só diante de seus contemporâneos, mas diante do futuro. E este sentimento de incerteza compartilha-o com todos os homens. Seu destêrro é o de todos." (PAZ, 1996, p. 96).

No contexto de um presente flutuante, sem conseguir recriar a pertença do que havia no passado e sem visão de futuro, o poema torna-se interrogação. É o que se vê nos versos de Débora Arruda (2021, p. 27):

tá, eu sei que tô fazendo perguntas demais
e que isso era pra ser uma poesia
e ainda é
e que a nossa cabeça agora já tem nos feito
perguntas demais mas talvez elas
só não precisem de respostas
assim como a literatura
nós não precisamos sempre de respostas.

Ao inaugurar uma pergunta que ainda não tem resposta, a poetisa confirma as palavras de Paz de que "o poeta não se limita a descobrir o presente; desperta o futuro, conduz o presente ao encontro do que vem" (PAZ, 1996, p. 98), na tentativa de buscar um sentido que ainda não se revelou: "nada sabemos desse sentido porque a significação não está no que agora se diz e sim mais além, em um horizonte que mal começa a se aclarar" (PAZ, 1996, p. 120).

Esta inconformidade com o presente e diálogo com o futuro vê-se nos versos de Arruda (2021), que no ritmo que cria neste verso denuncia uma estafa da vida atual na cidade, que a poetisa chama de 'humilhação diária': "essa parcela de morte, lenta/ resumida em trabalhar/ pagar aluguel, ficar sem dinheiro, trabalhar mais,

perder/ o emprego, trabalhar ainda mais(...)"⁵. Porém, a partir desta insatisfação, procura outros horizontes:

a poesia mora na possibilidade
no e se

enquanto a realidade nos leva sempre
ao impossível
ao que não pode ser feito
ao que não deve ser feito
à mentira civilizatória
à castração responsável pelo extermínio
de toda nossa subjetividade
em prol de uma humanidade

a literatura é o nosso lembrete diário
de que ainda, ainda cabe sonhar

a poesia é a construção de um novo mundo
é o desligamento de um passado que não funcionou
é o rompimento com narrativas que não são nossas

a literatura é o lugar onde eu quero viver o meu futuro
é onde eu posso construir
textos, pretextos
e, sobretudo, mundos

enquanto a realidade nos leva sempre ao fim
a literatura nos leva ao início
ao novo, ao que ainda não surgiu
mas pode surgir
e ser eternizado por longas distâncias
no lugar mais precioso que existe
em nossa memória (ARRUDA, 2021, p. 29-30)

A poetisa usa a poesia para romper com um silêncio e resignação que sustentam o que ela chama desta lenta morte, apoiando-se na possibilidade ilimitada da literatura: “na literatura não cabem limitações/ na vida, sim” (ARRUDA, 2021, p. 29). Aqui, os versos tangem a quimera de Octavio Paz de que o poema concilie o ato, em um processo que se possa transformar o mundo pela poesia, em que a palavra poética é também prática, “movimento que gera movimento, ação que transmuta o mundo material” (PAZ, 1996, p. 98).

Quando a poetisa na estrofe 18 afirma que a literatura “é muito maior do que o que conhecemos/ enquanto a própria história” (ARRUDA, 2021, p. 29) dialoga novamente com a asserção de Paz (1996) de que a consciência da história adquirida

⁵ ARRUDA, 2021, p. 28

pelo homem moderno é insuficiente para responder sobre seu próprio sentido: “Nosso tempo é o do fim da história como futuro imaginável e previsível.”⁶

A poesia indígena apresenta-se, ainda, como uma proposta radical de romper com a linearidade do pensamento cartesiano, e nos devolve à circularidade, uma vez que “o poema cessa de ser uma sucessão linear e escapa assim à tirania tipográfica que nos impõe uma visão longitudinal do mundo” (PAZ, 1996, p. 111).

a literatura nos faz revisitar o passado
compreender o nosso presente
para que então, criemos novos futuros
e dentro da poesia
finalmente
daremos adeus às linhas retas
porque tudo aquilo que é linear
não comporta o nosso encontro
que é circular (ARRUDA, 2021, p. 31)

E por último, engendra o leitor em uma confrontação com a alteridade, ao deparar-se com um relato que difere da construção homogênea e preconceituosa com que o indígena foi preconizado pelo olhar estrangeiro. Este esforço para criar uniformidade/homogeneidade falha por não preservar as diferenças e manter as consciências cindidas, o que apaga, por sua vez, a outridade (PAZ, 1996).

A imaginação poética de Paz (1996) intersecciona o pensamento do coração de Hillman (2010) como possibilidade de descobrir a alma do mundo. A poesia é, portanto, encontro com o outro: “perceber no uno o outro, será devolver à linguagem sua virtude metafórica: dar presença aos outros. A poesia: procura dos outros, descoberta da outridade.” (PAZ, 1996, p. 102). Assim, a poesia indígena nos coloca diante do reconhecimento devido de uma outridade e pluralidade que foi e segue sendo apagada.

Por fim, a poesia, sendo por si um gênero irreverente, transgride radicalmente enquanto poesia indígena, pois desafia os próprios limiares não só do que é literatura, mas dissolve outras barreiras e dicotomias em uma perspectiva anímica, que ao devolver a alma para o mundo, torna-o digno de ser salvo em toda sua pluralidade, em um movimento de reconciliação com os povos e uma imagem de futuro em que seja possível reimaginar a floresta em pé.

⁶ PAZ, 1996, p. 106.

Toda criação poética é histórica; todo poema é apetite de negar a sucessão e fundar um reino perdurável. Se o homem é transcendência, ir mais além de si mesmo, o poema é o signo mais puro desse contínuo transcender-se, desse permanente imaginar-se . (...) O homem quer identificar-se com suas criações, reunir-se consigo mesmo e com seus semelhantes: ser o mundo sem cessar de ser ele mesmo. Nossa poesia e consciência da separação e tentativa de reunir o que foi separado. No poema, o ser e o desejo de ser pactuam por um Instante, como o fruto e os lábios. Poesia, momentânea reconciliação: ontem, hoje, amanhã; aqui e ali; tu, eu, ele, nós. Tudo está presente: será presença. (PAZ, 1996, p. 122-123)

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Débora. **Voltar para ir - wat'u**. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2021.

BEDINELLI, Talita; BRUM, Eliane; MACHADO, Maria. 'Não estamos conseguindo contar os corpos'. **Sumaúma Jornalismo**. Altamira, Pará, 20 jan, 2023. Diário de Guerra. Disponível em: <<https://sumauma.com/nao-estamos-conseguindo-contar-os-corpos/>> . Acesso em: 4 mar, 2023.

BRITO, Tarsilla Couto de. Autodefinições literárias: o que a teoria literária aprende com autoras e autores indígenas?. *In*: DAMIÃO, C.M.; BRANDÃO, C. (org). **Colóquio de Estética da FAFIL/UFG: Estéticas indígenas**. Goiânia: Gráfica UFG, 2019. p. 57-70. *E-book*. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/Esteticas_Indigenas_-_ebook.pdf. Acesso em: 27 jan. 2023.

DORRICO, Julie (Org.) *et al.* **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://www.editorafi.org/438indigena>. Acesso em: 27 jan. 2023.

GAMBINI, Roberto. A identidade brasileira e seu drama oculto. *In*: OLIVEIRA, H. (org). **Morte e renascimento da ancestralidade indígena na alma brasileira: psicologia junguiana e inconsciente cultural**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 17-31.

HILLMAN, James. **Pensamento do coração e a alma do mundo**. Campinas: Verus, 2010.

OLIVEIRA, Duque. Cosmomediação: unidade e confronto no plano da *anima mundi*. *In*: OLIVEIRA, H. (org). **Morte e renascimento da ancestralidade indígena na alma brasileira: psicologia junguiana e inconsciente cultural**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 166-192.

PAZ, Octavio. Signos em rotação. *IN*: _____. **Signos em rotação**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 95-123.